



FACULDADE LABORO
CURSO DE PEDAGOGIA

GRACILENE LIMA DE OLIVEIRA PINHEIRO

**INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo de caso**

Orientadora: Priscila Sousa Barbosa Castelo Branco

São Luís - MA

2022

GRACILENE LIMA DE OLIVEIRA PINHEIRO

**INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade Laboro, para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Priscila Sousa Barbosa Castelo Branco

São Luís - MA

2022

RESUMO

No processo de educação a criança desenvolve tanto habilidades e conhecimentos cognitivos, quanto interação social com outras crianças. Quando se trata desse processo relacionado a crianças especiais ainda é encarado como desafio para muitas instituições, isto porque nem sempre estão preparadas. Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo de caso em uma escola particular, o qual procura compreender como tem se dado o processo de inclusão da criança com TEA no contexto da instituição, assim se buscou a resposta para a pergunta: Como se dá o processo de inclusão dos estudantes com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental na escola particular? Para responder o questionamento foram traçados três objetivos, sendo estes descrever informações sobre os principais aspectos da educação especial e enfatizar as características do TEA, apontar as dificuldades do processo de inclusão escolar do estudante com TEA e apresentar as características da escola onde foi realizada a pesquisa. O método empregado na pesquisa foi o indutivo, seguindo abordagem qualitativa explicativa por estudo de caso onde se utilizou ferramentas de entrevistas do tipo semiestruturadas. Para embasamento bibliográfico, foram utilizados autores como Melo (2007), Backes, Zanon e Bosa (2017), Coelho, Vilalva e Hauer (2019). Como resultado, se verificou que o estudante com TEA em questão estuda em uma escola bem estruturada e possui apoio de equipes multidisciplinares, e que a inclusão do mesmo está sendo fundamental para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: TEA. Inclusão. Educação.

ABSTRACT

In the education process the child develops both cognitive skills and knowledge, as well as social interaction with other children. When it comes to this process related to special children, it is still seen as a challenge for many institutions this is because they are not always prepared. In this sense, this paper presents a case study in a private school, which seeks to understand how the process of inclusion of children with ASD has been given in the context of the institution, thus seeking the answer to the question. How does the process of inclusion of students with ASD take place in the early years of elementary school in private school? To answer the question, three objectives were outlined, which were to describe information on the main aspects of special education and to emphasize the characteristics of ASD, point out the difficulties of the school inclusion process of the student with ASD and to present the characteristics of the school where the research was conducted. The method used in the research was the inductive following a qualitative approach explanatory by a case study where semi-structured interview tools were used. For bibliographic basis authors such as Melo (2007), Backes, Zanon and Bosa (2017), Coelho, Vilalva and Hauer (2019) were used. As a result, it was found that the student with ASD in question studies in a well-structured school and has the support of and that its inclusion is being fundamental for its development.

Keywords: ASD. Inclusion. Education.

1 INTRODUÇÃO

A escola, assim como a família, exerce um papel fundamental no processo de educação, nesta a criança desenvolve tanto habilidades e conhecimentos cognitivos, quanto interação social com outras crianças, ações essas essenciais para o bem-estar e qualidade de vida, sendo necessário que todas as pessoas envolvidas na educação participem do processo de aprendizagem desde a infância.

Quando se trata desse processo relacionado a crianças especiais, por mais importante que seja a inclusão desta no contexto escolar, esse fator ainda é encarado como desafio para muitas instituições, isto porque nem sempre estão preparadas, seja estruturalmente ou mesmo com o quadro de profissionais qualificados no atendimento a essa demanda.

Entre os estudantes que se enquadram dessa situação, estão aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que segundo a Organização mundial da Saúde-OMS (2020, S/P), trata-se de “algum grau de dificuldade com interação social e comunicação, ou ainda na transição de uma atividade para outra, foco em detalhes e reações incomuns às sensações”. Como indica a OMS, a criança com TEA enfrenta dificuldades incomuns aos outros estudantes, o que pode gerar algum tipo de obstáculo no aprendizado, requerendo maior atenção e cuidados no acompanhamento destes.

Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo de caso em uma escola particular, o qual procura compreender como tem se dado o processo de inclusão da criança com TEA no contexto da instituição, dessa maneira analisar o método de ensino/aprendizagem ali desenvolvido. Diante disso, parte-se do questionamento: como se dá o processo de inclusão dos estudantes com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental na escola particular?

O TEA é um quadro clínico que precisa ser considerado no processo de inclusão escolar, portanto é necessário refletir sobre o tema e buscar maneiras de melhorar as práticas educacionais e sociais. O interesse em estudar esse assunto surgiu da experiência pessoal, pois venho atuando como tutora de um estudante com TEA no ensino fundamental anos iniciais.

A partir da vivência com este estudante foi despertado um desejo em conhecer mais a fundo informações relacionadas ao Autismo e compreender a dinâmica

educacional referente ao transtorno, para que pudesse sentir mais confiança e capacidade para lidar com o mesmo.

De acordo com dados estatísticos da OMS, uma, a cada 160 crianças possui autismo (TEA), porém existem muitos obstáculos para serem vencidos, requerendo interesse, políticas públicas e compromisso profissional para as pessoas com esse quadro, principalmente em casos mais severos, e tratando da educação, maior conhecimento e preparo dos educadores e tutores. Diante disso, é preciso que sejam realizados estudos que viabilizem conhecimentos e melhorem as práticas educacionais desse público.

Esta pesquisa contribui cientificamente com a instituição acadêmica, somando com outros trabalhos na área da educação especial, apresentando dados atuais e de relevância para área da pedagogia e, por se tratar de um assunto de relevância social, contribui para o conhecimento do público, de maneira que ajuda a quebrar paradigmas preconceituosos direcionados aqueles com necessidades especiais, assim contribui para uma sociedade mais justa e com menos desigualdade.

Para melhor compreensão e organização, divide-se o trabalho em duas partes: A primeira compreende dados sobre educação especial de maneira mais global relatando o contexto histórico e social da PNE buscando conhecer os avanços que levaram ao que esta é atualmente, como baseamento teórico utilizaram-se autores como SILVA (2009) e GUGEL (2007) os quais possuem trabalhos de referência sobre o assunto. Nesta primeira parte, em outro tópico, apresenta-se de maneira mais específica, dados sobre o tema do trabalho que é o TEA, onde se fala sobre as características do autismo relacionados a educação. Já na segunda parte serão apresentados os resultados da pesquisa prática, por dados colhidos no estudo de caso.

Como objetivo geral se teve como proposta

Analisar como se dar a inclusão de um estudante com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental.

E como objetivos específicos:

- Descrever informações sobre os principais aspectos da educação especial e enfatizar as características do TEA;

- Apontar as dificuldades do processo de inclusão escolar do estudante com TEA;
- Apresentar as características da escola onde foi realizada a pesquisa.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA- TEA

A palavra autismo foi um termo criado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1911, este associava o autismo à esquizofrenia (CUNHA, 2012), porém com estudos pioneiros do médico Leo Kanner em 1943 e Hans Asperger, hoje se tem conhecimento de que se trata de uma desordem neurológica que dificulta as relações e atividades comuns a outras pessoas (RODRIGUES, 2010).

Nesse sentido é importante esclarecer que o TEA não é uma doença e sim uma condição em que o indivíduo apresenta dificuldades em diversos aspectos, sendo as principais, o comprometimento da comunicação e da interação social. Segundo COELHO, VILALVA E HAUER (2019), as características do TEA são

[...] déficits na reciprocidade socioemocional, prejuízo persistente na comunicação social e na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, déficits no reconhecimento de sinais comunicativos não verbais, contato visual e linguagem corporal, déficit na compreensão e uso de gestos, dificuldade em ajustar o comportamento de acordo as exigências (COELHO, VILALVA E HAUER, 2019, p. 73).

No Brasil, o autismo é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como um único transtorno, porém com três níveis: 1, 2 e 3 o que pode caracterizar comportamentos divergentes, variando de caso para caso. O nível 1 representa indivíduos com um grau mais leve do TEA, pessoas nessa condição conseguem realizar tarefas sem ajuda de outra pessoa, porém de forma limitada, a comunicação é preservada, tendo necessidade de manter rotinas diárias (DSM-V, 2014).

O nível 2 apresenta maiores déficits na comunicação e relacionamento, comportamentos e rotinas repetitivos, sensibilidade a luz e sons, além de limitações mentais. O nível 3 é o mais grave, devido à dependência para qualquer atividade diária, também apresentam comportamentos repetitivos, e o desenvolvimento mental, intelectual, sensorial e de comunicação são comprometidos (DSM-V, 2014). O quadro

1, apresenta uma síntese sobre os três níveis de gravidade do autismo segundo os dados do DSM-V (2014).

Quadro 1. Níveis de gravidade para Transtorno do Espectro Autista.

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITOS E REPETITIVOS
Nível 3 Exigindo apoio muito substancial	Déficits graves nas habilidades de comunicação verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/ dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 Exigindo apoio substancial	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ao anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e / ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 Exigindo apoio	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos á independência.

Fonte: Adaptado do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V).

Já a Classificação Internacional de Doenças (CID) considera categorias de transtornos, sendo estes: autismo infantil, autismo atípico, a síndrome de Rett, a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno geral do desenvolvimento não especificado.

2.1 Prognóstico do TEA

O TEA pode ser identificado ainda na infância, inclusive é uma fase de descoberta essencial para tratamento e prognóstico, pois a estabilidade das dificuldades pode ocorrer até aos três anos, por meio de terapias de estímulos. Alguns sinais podem ser identificados quando o bebê ainda tem meses de vida, especialistas indicam 6, 9 e 12 meses como pontos de alerta para identificar sinais do TEA na infância.

Até aos seis meses é normal o indivíduo começar a apresentar expressões sociocomunicativas, assim, se até esse momento o bebê ainda não demonstra reações de sorriso, contato visual, ou ações comuns a outras crianças, torna-se um indicativo de alerta. Aos nove meses a atenção é voltada para a comunicação verbal, quando a criança não atende quando chamado pelo nome, ou mesmo não tenta expressão de comunicação verbal (BACKES, ZANON E BOSA, 2017).

Com um ano, é normal a criança tentar falar palavras indutivas como “mamã e papá”, expressar gritinhos de expressão comunicativa, olha para objetos que alguém lhe apresenta e tem maior contato visual e de expressões, diante disso, se o indivíduo não apresenta essas características, também é um ponto de alerta (APA, 2014). Os sintomas relacionados ao TEA costumam se estabilizar até os 3 anos, portanto é imprescindível o diagnóstico e início de tratamento, pois até os 5 anos ainda se pode haver evolução na melhoria dos sintomas, após os 5 anos costumam ser permanentes (BACKES, ZANON E BOSA, 2017).

Para avaliar se uma pessoa tem TEA deve-se seguir vários critérios e cuidados, buscando profissionais competentes de várias áreas como os da psicologia, neurologia e psiquiatria, capazes de realizar de maneira correta e poder dar o prognóstico exato, além de indicar terapias adequadas para cada caso individual. Algumas escalas são utilizadas como critério de avaliação, a exemplo temos o CARS (Childhood Autism Scale) e o ADOS-G (*Autism Diagnostic Observation ScheduleGeneric*) (APA, 2014).

O CARS é a escala utilizada para avaliação do autismo na infância, ajudando a compreender o grau e a categoria do transtorno. A aplicação é indicada para crianças com idade a partir dos 2 anos, e os critérios utilizados são: interação com as pessoas, imitação, resposta emocional, uso do corpo, uso de objetos, adaptação à

mudança, reação a estímulos visuais, reações a estímulos auditivos, a resposta e uso da gustação, olfato e tato, medo ou nervosismo, comunicação verbal, comunicação não verbal, nível de atividade, o nível e a coerência da resposta intelectual e impressões gerais (MELO, 2007).

O ADOS-G (Observação Diagnóstica do Autismo – Versão Genérica) avalia da interação social, da comunicação, do brincar e do uso imaginativo de materiais para indivíduos suspeitos de TEA. Utiliza-se de quatro sessões de 30 minutos onde se tenta instigar a interação e comportamentos espontâneos com o indivíduo por meio de brincadeiras e ações (MELO, 2007).

A partir do diagnóstico, que deve ser feito mais cedo possível, a criança com TEA deve ser indicada para um plano de tratamento que contemple a situação socioeconômica da família e as necessidades da criança, visando a melhor medida para qualidade de vida de todos os envolvidos (AGUIAR, 2017, SN).

2.2 Tratamento do TEA

O TEA não tem cura, mas o tratamento é amplo, além de envolver muitos cuidados e atenção em casa, abrange um conjunto de profissionais como médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, médicos, psicólogos, psiquiatras, educadores físicos, psicopedagogos, nutricionistas, entre outros, o que varia conforme o diagnóstico, os quais visam a melhoria dos sintomas (AMORIM, 2010).

Existem tratamentos específicos para casos de autismo, entre esses, destacam-se o TEACCH (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação Relacionada), cuja ação busca melhorar o aprendizado e realização de tarefas cotidianas; O PECS (sistema de Comunicação por troca de figuras) é utilizado como um método que visa melhoria da comunicação, ou seja, as pessoa com autismo que não desenvolvem a fala; e o ABA (Análise do Comportamento Aplicada) o qual visa incentivar comportamentos e habilidades que melhorem o convívio social e a vida cotidiana além de corrigir comportamentos incomuns (AMORIM, 2010).

Em alguns casos, há prescrição de medicamentos quando o transtorno é somado a comorbidades neurológica e outros problemas, além disso, ajuda em sintomas agressivos e agitações, compulsividades e alterações do sono.

2.3 Educação especial e inclusão da pessoa com TEA

O processo educacional é fundamental para o desenvolvimento de qualquer pessoa, inclusive de quem possui alguma deficiência, pois a educação traz consigo a inclusão e o direito de interagir e construir habilidades que só a escola oferece. Segundo a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional -LDB (lei 9394/96), a educação especial trata-se da modalidade de ensino oferecida a estudantes com alguma deficiência, pela qual se utiliza recursos e metodologias pedagógicas específicas para melhor inclusão do mesmo.

A Lei nº13.146/2015 que trata da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) no Art. 2º, apresenta seguinte definição:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Como se observa, o conceito de pessoas com deficiência engloba tanto aspectos físicos, quanto mentais, essas condições podem trazer dificuldades para realização de atividades comuns a todos, necessitando de maior atenção, cuidados e práticas de inclusão de maneira a tornar a vida dessas pessoas mais normal possível.

A LEI Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, no inciso 2º afirma que “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais”.

A inclusão dos estudantes com necessidades especiais tanto na sociedade em geral, como na educação não ocorreu de maneira rápida, pressões internacionais e luta por direitos sociais dos pais e Organizações Não Governamentais (ONG'S) foram cruciais para mudança de mentalidade da sociedade que por muito tempo considerou essas pessoas como invalidas. Porém, muitas mudanças vêm ocorrendo devido a inserção de leis como a “Lei de Inclusão”, que contribuíram para inserção de políticas públicas (MANTOAN, 2015).

Mesmo com a Lei de inclusão ainda há muitas barreiras para cumprimento e efetivação das ações requeridas, entre essas as da inclusão de estudantes, destacam-se outras leis que foram essenciais para o avanço dos direitos destes no que se refere a educação. Destacam-se entre elas:

- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) - busca enquadrar no sistema geral de educação a integração da PNE;
- A Constituição Federal no art. 208 que garante o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”;
- A lei 10.172 que busca a garantia de vagas no ensino regular para todos os graus e tipos de deficiência;
- A resolução CNE/CEB Nº2 que visa garantia de matrícula e atendimento e educação de qualidade aos educandos com necessidades especiais;
- Resolução Nº4 de 2009 que Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.
- Decreto Nº 7.611 de 2011 Dispõe sobre Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

Na prática, há muitas dificuldades no cumprimento destas leis, muitas escolas ainda estão despreparadas tanto de maneira estrutural, quanto no preparo de professores e profissionais qualificados para lidar com o público (ALVES, 2009 p. 45). Diante disso, deve haver investimentos em equipamentos necessários básicos para inserção e acessibilidade física entre outros, rampas, cadeiras e mesas específicas que facilitem a vida cotidiana de entrada e saída e também com conforto e segurança, além de materiais didáticos, brinquedos ou equipamentos específicos conforme a idade e necessidade do estudante (LOPES e CAPELLINI, 2015).

Já no que diz respeito a qualificação profissional, é fundamental investir em formação continuada buscando preparar os educadores, por meio de cursos, pósgraduações, palestras, treinamentos etc, mas não só os professores, deve-se incluir também os tutores e funcionários envolvidos (GLAT e FERNANDES, 2005).

Como afirma ALVES (2009, p. 45), “o importante não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários da escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula”. E ainda “Não adianta cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com

todos os profissionais, serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas (ALVES, 2009 p. 46).

Para conseguir organizar a infraestrutura e melhor preparo desses profissionais deve haver uma gestão democrática e participativa com inclusão da família, dos colaboradores e professores nas tomadas de decisão, ou mesmo na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP).

3 METODOLOGIA

O método empregado na pesquisa foi o indutivo, o qual parte do particular para o geral. Na prática um determinado objeto ou situação é observada, através desse se retira um padrão que servirá de base para todas as outras situações que venham ocorrer de maneira semelhante (LAKATOS E MARCONI, 2007). Conforme (LAKATOS e MARCONI (2003, p.86) “[...] é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”.

O trabalho seguiu a abordagem qualitativa explicativa e por se tratar de um estudo de caso, a pesquisa foi desenvolvida por procedimento monográfico, que servirá de exemplo geral para outros estudantes com TEA, pois essa abordagem tem como característica a coleta e análise de um determinado caso específico que pode ser usado como exemplo para outros semelhantes (YIN, 2001).

Para tanto foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas, ou seja, as perguntas foram elaboradas anteriormente a aplicação, esta que se apresenta como uma ferramenta muito importante de coleta de dados, pois contextualiza a realidade vivenciada pelas pessoas envolvidas no estudo empregado (MARTINS, 2018).

A escolha dos entrevistados se deu com o entendimento de que os principais envolvidos no ensino e educação desse estudante, são os pais (a mãe que foi entrevistada) que convivem diretamente com este, a professora que representa o papel direto no ensino aprendido e a coordenadora que representa a escola. O objetivo maior dessas entrevistas foi reconhecer as principais dificuldades que estes enfrentaram ou enfrentam no dia a dia para manter a inclusão do estudante na escola e analisar os fatores mencionados por estes.

Utilizou-se ainda a observação, pela qual se teve o interesse de entender como se dar no sentido geral o processo de ensino e educação dessa criança, e quais as diferenças empregadas entre estudante sem o transtorno no mesmo ano de ensino que o estudante com o transtorno. Buscou-se também saber os métodos empregados pela professora e como o estudante em questão se comporta diante das atividades em sala e direcionamentos dados pela professora e tutora.

Foram feitos ainda registros fotográficos da estrutura da escola, tanto no que se refere ao espaço físico, como a organização, além de foto das atividades realizadas pelo estudante com TEA durante o estudo de caso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O mundo possui aproximadamente 70 milhões de pessoas com TEA, no Brasil são 2 milhões e no estado do Maranhão, 7 mil, segundo dados da OMS (CUNHA, 2012). Como se pode analisar, são muitos casos, requerendo inclusão social. Nesse sentido se buscou analisar de maneira mais próxima um desses casos, o de um ano da rede privada nos anos iniciais do ensino fundamental.

4.1 Característica da escola

O estudo de caso foi antecipadamente programado e organizado, sendo realizada no instituto do ensino privado, localizado na rua Virgílio Domingues nº 744, bairro São Francisco. A escola possui 4 anos de existência com valores cristãos, é empreendido por um casal de pastores.

O instituto conta com 44 colaboradores. O prédio é amplo, com dois prédios, no primeiro funciona o fundamental maior e a creche, no segundo prédio, considerado o anexo, funciona a educação infantil e anos iniciais. O ambiente é climatizado e possui uma estrutura organizada e limpa, com pátio para atividades físicas e banheiros higienizados; as salas são adaptadas para melhor conforto e ilustradas com cores que correspondem à faixa etária da criança, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento perceptível destas (Figura 1 a 4).

Estrutura física da escola onde se realizou o estudo de caso



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Vale apontar que na escola há presença de 10 alunos com TEA entre o ensino fundamental maior e o menor. Apesar desse número expressivo, o esforço no atendimento é de maneira bem assistida. A escola não possui sala de recurso em prol do Atendimento Educacional Especializado-AEE como indicado pelo Ministério da Educação. É muito importante que toda escola pública e privada, tenha essa sala de forma que venha assegurar as condições devidas de acesso, integração e inclusão no ensino.

O estudo de caso foi realizado durante o mês de outubro de 2022, quando foram realizadas entrevistas com as partes escolhidas, sendo estas: a professora que chamaremos nesse documento de P1, a coordenadora da escola (P2) e a mãe do estudante estudado (P3), as quais foram muito atenciosas e acolhedoras. As perguntas para a entrevista foram semi-estruturada de maneira a deixar os atores mais à vontade para demonstrarem suas experiências cotidianas.

4.2 Entrevista com a professora (P1)

A primeira entrevista realizada, foi com a professora, devido à disponibilidade de horário, onde foram feitas quatro perguntas (quadro 2).

Quadro 2. Perguntas feitas na entrevista com a professora do estudante com TEA

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Como é a rotina do estudante autismo nesta escola? 2. Qual a metodologia empregada no ensino do estudante com autismo e o que o diferencia do estudante sem o transtorno? 3. O estudante com autismo assimila bem o conteúdo? 4. Para você qual a principal dificuldade ou desafio na inclusão deste estudante? |
|---|

Fonte: Produção própria, 2022.

Ao se perguntar como se dá a rotina do estudante com TEA na escola, a professora explicou que esta é sequenciada, onde são aplicadas atividades conforme se faz o planejamento. Em relação à metodologia, a mesma revelou não aplicar nenhuma metodologia específica e ainda que: “*a gente trabalha muito dependendo de como ele está se sentindo durante o dia*”. Isso demonstra uma dificuldade de empregar disciplina com o estudante com TEA, devido uma simples tarefa não ser vista por ele como um estudante neurotípico.

Completando a informação da professora, quando perguntada sobre o estudante assimilar o conteúdo, a mesma respondeu que: “*comparando com o estudante sem transtorno, ele não consegue assimilar de forma mais eficaz, o conteúdo dele é resumido, de maneira que ele possa compreender os assuntos*” e ainda “*para ele aceitar algo tem que haver o estímulo de troca, sempre*”.

Para a docente, a principal dificuldade ou desafio do estudante com TEA é a questão de sociabilidade, pois ele tem resistência em conviver com algumas pessoas “*acredito isso seja mais uma participação entre família e escola, que ajuda melhor o desenvolvimento dele, com os estudantes, ele se socializa com alguns de sua preferência, já outros ele tem resistência, mas para mim a inclusão é ele estar ali na sala de aula*” (P1).

A professora relatou ainda que o material didático utilizado no aprendizado deste estudante não é totalmente adequado, que a mesma sente falta de um conteúdo mais específico e adaptado e que essa falta prejudica o avanço do estudante. Essa disponibilizou exemplares das atividades planejadas conforme a realidade cognitiva do estudante, onde se utiliza sempre ilustrações e uso de cores que chamem atenção e interesse do estudante (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Atividade da disciplina de língua inglesa

INSTITUTO DE ENSINO VIVENDO EM CRISTO
ATIVIDADE

Curso: Ensino Fundamental I
Disciplina: Língua Inglesa
Professora: Rafaela Claudino
Aluno(a): Pedro Henrique

Turma: 4º ano B
Turno: Vespertino
Data: 10/09/2022

ATIVIDADE DE LINGUA INGLESA

3 Read and colour the paint pots.

green
red
black
purple
yellow
white
pink
orange
blue
grey

4 Write the answers and colour the numbers.

$2 + 4 = 6$
Red and blue is purple.

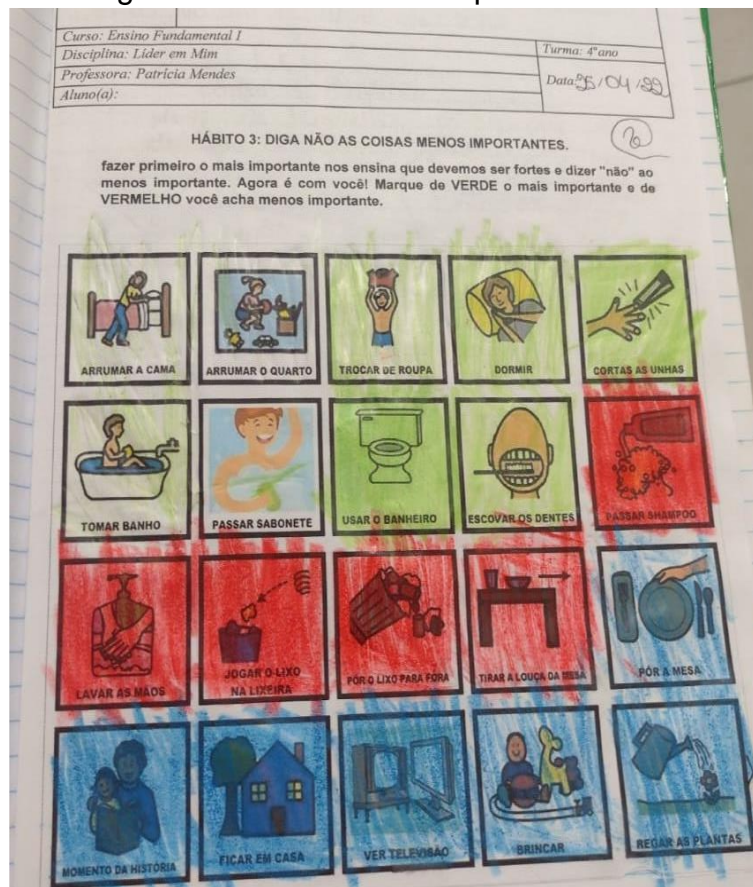
$2 + 3 = 5$
Red and yellow is orange.

$3 + 4 = 7$
Yellow and blue is green.

$8 + 2 = 10$
White and red is pink.

Fonte: Arquivo próprio, 2022.

Figura 2. Atividade da disciplina Líder de mim.



Fonte: Arquivo próprio, 2022.

4.3 Entrevista com a coordenadora da escola (P2)

A segunda entrevista foi realizada com a coordenadora da escola, pela qual também se fez 4 perguntas-base, onde se deixou a entrevistada a vontade para demonstrar sua percepção acerca das informações sobre a educação do estudante com TEA em questão, as perguntas apresentam-se no quadro 3.

Quadro 3. Perguntas feitas na entrevista com a coordenadora da escola (P2).

1. Que tipo de estrutura organizada para o recebimento do estudante com autismo nesta escola?
2. Como a escola prepara os seus funcionários e professores para receber o estudante com TEA?
3. Qual o principal desafio da escola na educação da criança com autismo?
4. Como se dá a inclusão do estudante com TEA os outros estudantes e como estes lidam com essa criança?

Fonte: Produção própria, 2022.

Sobre a estrutura da escola, a coordenadora explicou que

“prioriza um ambiente acolhedor onde o estudante é incluído na sala de aula regular com recursos que vão trabalhar dentro das possibilidades as habilidades que ele ainda não tenha desenvolvido, de acordo com os profissionais que acompanham como psicopedagoga, assistente social, monitoria e pedagoga que trabalham em conjunto na elaboração de recursos e atividade” (P2).

Em relação ao preparo dos professores, a coordenadora informou que a escola disponibiliza de formação pedagógica anual, e que os professores possuem capacitação profissional para lidar com estudantes com TEA. Para a mesma o maior desafio é o desenvolvimento da rotina compartilhada com a família, que muitas vezes não apresenta conexão.

Sobre a inclusão dos estudantes com TEA com os outros estudantes da escola, a mesma falou sobre um projeto que a escola desenvolve chamado de “líder em mim”, que trabalha a ética, o respeito e a aceitação do outro, dessa maneira a inclusão de estudantes com necessidades especiais também são assuntos abordados, facilitando a sociabilidade.

4.4 Entrevista com a mãe da criança

A terceira entrevista foi realizada com a mãe da criança com TEA, pela qual foram realizadas 4 perguntas-base, onde se buscou colher informações de como é a rotina desta criança em casa, bem como as ações da família no cotidiano e realidade do mesmo. As perguntas utilizadas na entrevista apresentam-se no quadro 4.

Quadro 3. Perguntas feitas na entrevista com a mãe (P3).

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Como foi o processo de inclusão do estudante na escola, quais as principais dificuldades enfrentadas? 2. Seu filho tem algum acompanhamento com especialistas, ele faz tratamento? 3. Como a senhora avalia o crescimento educacional do seu filho, a senhora consegue identificar evolução? 4. Como é a rotina de ensino em casa? 5. O que a senhora acha que poderia melhorar na escola? |
|---|

Fonte: Produção própria, 2022.

Segundo a mãe do estudante, a inclusão do ano se deu a partir dos 2 anos, colocado na escola como qualquer criança, e lá a professora conseguiu identificar as características. A partir desse alerta a mãe passou a fazer acompanhamento com toda

uma equipe de psicopedagogo, arteterapeuta, psicóloga, entre outros projetos na área do autismo.

Avaliando a educação e evolução da criança, esta relatou ter percebido evoluções e que a escola faz toda diferença na vida dele. Sobre o cotidiano do ensino em casa, esta alegou que o mesmo tem uma rotina de ensino com atividades extra escolares que a própria mãe aplica.

Foi questionado ainda o que esta acha que a escola deveria melhorar, a mesma respondeu que *“acho, que por ser especial, ele deveria ter uma professora geral da sala toda e outra só para ele, de forma que ele tivesse um apoio maior, com atividades e conteúdo de ensino voltado para o contexto dele, acho que isso seria melhor e ele terá uma evolução maior” (P3).*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo foi verificado que a princípio o autismo era associado à esquizofrenia, mas que estudos avançados permitiram saber que não se trata de uma doença e sim de uma condição e que esta possui três níveis cujos comportamentos variam de caso para caso. Foi visto ainda que o diagnóstico pode ser feito ainda na infância, o que poderia facilitar evoluções e seguir um plano de tratamento.

Foi visto que existem tratamentos específicos para casos de autismo, em alguns desses, há prescrição de medicamentos quando o transtorno é somado a comorbidades neurológica e que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada por lei como pessoa com deficiência e que muitas mudanças vêm ocorrendo devido à inserção de leis como a “Lei de Inclusão”, que contribuíram para inserção de políticas públicas, mas que na prática, ainda há muitas dificuldades no cumprimento destas leis, devido ao despreparo de muitas escolas para lidar com o público.

Por fim, os resultados da pesquisa indicaram que a escola possui uma boa estrutura física, mas ainda precisa melhorar o material didático. Em relação ao preparo dos professores, a escola disponibiliza de formação pedagógica anual, e que os professores possuem capacitação profissional para lidar com estudantes com TEA. Foi averiguado ainda que a criança faz acompanhamento com toda uma equipe de

psicopedagogo, arteterapia, psicóloga, entre outros e que o mesmo tem uma rotina de ensino com atividades extra escolares que a própria mãe aplica.

Tendo em vista os aspectos apresentados, foi visto que a educação é fundamental para o desenvolvimento e evolução do estudante com TEA, visto que melhora a vida do estudante, o incluindo em sociedade e garantindo o direito, bemestar e qualidade de vida como todas as pessoas. Assim acredita-se que este trabalho foi significativo e consegui cumprir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (5ªed.). Porto Alegre: Artmed.

AMORIM, L. C.D. **Autismo: Tratamento**. Colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: <<<https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ALVES F. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro, WAK EDITORA, 2009.

Backes, B., Zanon, R. B., & Bosa, C. A. (2017). Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 33. doi: 10.1590/0102.3772e3343

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.**

_____. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10172.htm**

_____. **Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17**

_____. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.

COELHO, A. B, VILALVA, S. E HAUER R. D. Transtorno Do Espectro Autista: Educação E Saúde. **Revista Gestão & Saúde** 2019, P. 73.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DSM-**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. DSM-5 . 5. Ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

GUGEL, Maria Aparecida . **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. Ampid (associação Nacional dos Membros do ministério Público de defesa dos Direitos dos idosos e Pessoas com Deficiência), 2015. Disponível em http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php Acesso em: 18/10/2022.

_____. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007.

GLAT R, FERNANDES EF. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão: MEC/SEESP**. 2005; 1(1).

LOPES, J. F; CAPELLINI, V. L. M. F. **Escola Inclusiva: um estudo sobre a infraestrutura escolar e a interação entre os estudantes com e sem deficiência**. Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES 91 Vitória, ES. a. 12, v. 19, n. 42, p. 91-105, jul./dez. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 226 p.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Everton. Entrevista: Técnica de coleta em pesquisa qualitativa. **Blog Metzzer**, 2018, maio. Disponível em: <<https://blog.metzzer.com/entrevista-pesquisaqualitativa/>>. Acesso em: 15 ago. de 2018.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. Colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em:<< <https://www.ama.org.br/site/autismo>>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RODRIGUES, Janine Marta C.; SPENCER, Eric. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SILVA, Otto Marques da. **Epopeia ignorada**. Edição de Mídia. São Paulo: Editora Faster, 2009.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A. CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA



CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Prezado(a) Diretor(a),

Venho através deste solicitar a V.S^a, que conceda a autorização de acesso a essa Instituição Escolar para realização do PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA, a ser realizada pelo(a) discente GRACILENE LIMA DE OLIVEIRA PINHEIRO, aluno(a) regularmente matriculado(a) no curso de LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA FACULDADE LABORO, sob a orientação de DOCENTE DA NOSSA INSTITUIÇÃO.

Ressaltamos que o(a) aluno(a) se compromete de apresentar a documentação necessária para a realização do estágio, bem como de se fazer presente nos dias e horários acordados com esta instituição, bem como garantir a ética e anonimato dos participantes do estudo e em especial o anonimato de vossa instituição.

Além disso, uma cópia do trabalho será enviada para a direção por email e se necessário o (a) discente autor (a) do trabalho poderá fazer uma apresentação oral conforme vossa solicitação.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta instituição, agradecemos antecipadamente e ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários através do e-mail (academicograduacao@laboro.edu.br).

São Luís, 24 de novembro de 2022.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Sueli', is written above a horizontal line.

Prof.ª Sueli Tonial Pistelli
Diretora Geral

Prof.ª Dr.ª Sueli Tonial
Diretora
FACULDADE LABORO

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Regina Lindoso', is written over a stamp.
IEVC
Regina Lindoso
Diretora